

Os espíritos também escrevem

Naquela manhã de Julho e chegadas a Ibiza, ninguém esperava correio. Mas uma grande surpresa estava reservada para as Albuquerque e amigas. Adélia Albuquerque, a sua filha Sandra de seis anos, e as duas amigas da família que sempre as acompanhavam no programa anual de férias, Manuela Silva e Isa Perret: Manu e Pipi respectivamente, cognomes pelas quais eram tratadas.

Dia de sol radioso, casas por entre pinheiros mansos; o mar azul ao fundo espreitava por entre estes. Aqui e ali havia salpicos de alecrim, rosmaninho e outras ervas que a natureza caprichosamente salpicava intercaladamente entre os pinheiros, na paisagem mediterrânica.

Dirigiram-se à recepção do aldeamento turístico. O porteiro já as esperava.

- Mui Buenos días Senhoritas! Portuguesas? – Perguntou aquele ao reconhecer a língua que falavam entre elas.

- Sim! Temos uma reserva. - Disse Adélia em Inglês, língua que normalmente usava quando em deslocações ao estrangeiro, ao mesmo tempo que se munia da documentação necessária ao registo. Era uma mulher determinada, dinâmica. Pele clara e cabelo louro, longo, que por vezes se metia no seu caminho e do qual a miúdo se desembaraçava com um sopro, que o apartava desordenadamente revelando as faces rosadas.

- Mui bien! Se quierem hablamos en Português?... Sou Galego e a minha mãe era Portuguesa.

- Está bem, que simpático.

- Temos uma carta que chegou hoje mesmo por correio, endereçado à vossa vivenda. Que rápido verdad?!...

- Deve ser engano! – Respondeu Adélia surpreendida.

- Pois penso que não, vem com o vosso nome! ...– Insistia. As outras sorriram.

- Como é possível? Ninguém iria escrever para nós pois poucos sabem que estamos de férias aqui!...

- Família Albuquerque... – Lia, olhando o envelope. - sois vosotras no?!...

- Sim, somos. Está bem, obrigada! - Disse surpreendida e resignada. No rosto um sorriso irónico. Dada a insistência, segurou a carta junto às chaves para a abrir mais tarde. De facto o envelope tinha escrito o nome Albuquerque.

- Pronto, aqui tem as vossas chaves! Uma para o apartamento outra para a garagem. Se precisarem de algo, liguem para a recepção. Está sempre cá alguém.

A vivenda era geminada com várias outras. Aprazível e dum branco intenso que transmitia uma luminosidade quase ofuscante. Fora construída sobre o declive que descia até ao mar. A garagem ficava por baixo desta. Ouvia-se o cantar das cigarras ali perto denunciando o sol escaldante. No ar um cheiro a relva cortada de fresco.

Adélia arrumou o carro e lentamente como se as pernas lhe pesassem, subiu as escadas. As três seguiam-na. Abriu a porta da vivenda, e um bafo quente emanou de dentro com odor a pintura fresca. Respirou fundo e, pousou a carta sobre a mesa que ocupava lugar de primazia no meio da sala. Sentou-se uns instantes. A viagem de avião de duas horas tornara-se um pouco maçadora. Isa - vamos chamar-lhe apenas assim evitando formalidades - cabelos cenoura e rosto com sardas apesar dos seus vinte e seis anos, dirigiu-se à porta de sacada. Fazia lembrar a pipi das meias altas, daí a alcunha. Chamavam-lhe Pipi. Sandra, a pequenita filha de Adélia, saiu correndo logo atrás em direcção ao terraço com vista sobre o mar. As outras curiosas seguiram-na.

- Que lindo!...

- Wau!... - Exclamaram ao ver o cenário paradisíaco. Em baixo via-se o mar de um azul-turquesa profundo com algumas rochas dispersas aqui e ali, espreitando no baixar e subir das ondas e adornado por uma praia de areia dourada em forma de meia-lua.

- Meninas!... Temos que escolher os quartos e arrumar as malas. - Chamou Adélia arrumando o cabelo com o sopro habitual, ao mesmo tempo que lentamente abria rasgando o envelope da correspondência que recebera.

- Eu quero o que tem vista para o mar!... – Gritava a pequena.

- Está bem! – Disse abrindo a carta atarefada. - Como?!!!... Só pode ser uma brincadeira de mau gosto!... – Adélia olhava a folha de papel estupefacta após ter desventrado o envelope.

- Que foi? - Todas se aproximaram. Isa, ou Pipi como lhe chamavam, abriu os olhos de espanto. Não se notou o corar da face devido às sardas, mas o coração acelerou. Parecia a mais perturbada. Como era possível? Olhou novamente o envelope aproximando o rosto e semi-cerrando os olhos, tentou decifrar a data no carimbo. Tinha estampada a data daquele mesmo dia.

- Mas não é possível! Quem escreveu isto sabia que vínhamos para aqui, mas quem poderia ser? – Estampada em letras de um sanguinário vermelho vivo, ressaltava a frase:

Miriam foi assassinada!!!

Coimbra 12 de Junho de 1973.

“Querida filha e esposa espero que estejam bem. Estou com muitas saudades, mas ainda não me é possível regressar este fim-de-semana.”

Assim começava a carta que Leopoldo Albuquerque escrevia à sua mulher. Dentro do envelope enviava um amor perfeito, dos que cuidadosamente secava entre jornais. Adélia ficava encantada. A viagem de Coimbra a Lisboa era um pouco penosa, de modo que as viagens só se faziam se fossem mesmo imprescindíveis. Além disso, o automóvel da família conhecera melhores dias. Havia filmes do género cómico em que figuravam carros menos divertidos.

- Bebe e soluça como um bêbedo, fuma como uma chaminé, e é de manhas como um burro. – Dizia aos amigos referindo-se ao carro. - Isto tem vida própria!...

Devido à sua profissão, Leopoldo ficava ausente por mais tempo do que desejaria. O trabalho estava definitivamente atrasado. Era arquitecto paisagista e as árvores Jacarandás oriundas do Brasil, ainda não tinham chegado. Tornava-se muito complicado estar tanto tempo ausente, mas dizia conformado:

- Tem de ser!...

António Geraldo Benamont era exigente e a sua quinta senhorial não o era por qualquer razão. O passeio majestoso da estrada até à mansão era empedrado a granito que nem o musgo se atrevia a ensombrar mas os cedros que o ladeavam sim. Ensombravam tudo. Com os ventos de Inverno vergavam-se perante Benamont, mas ameaçavam lá do alto num dançar estonteante. Verdes, esguios, assombrosos.

- Isto tem de ser cortado! – Dizia, referindo-se aos cedros. Era um homem austero. Tinha feito fortuna no Brasil, falava-se. Católico, a missa dominical era imperdível. O discurso do padre António, sofrível: mas Benamont nunca faltava. Na Igreja da paróquia tinha uma cadeira oratória reservada só para si. Após assistir à missa de Domingo os fiéis saudavam-no à saída. As mulheres cheirando a naftalina e de véus rendados sobre as cabeças, olhavam-no timidamente envergonhadas. Os homens, de rostos queimados pelas agruras do tempo, tiravam-lhe o chapéu semi-curvando-se.

- Bom dia Sr!... – Ao que ele resmungava por entre os dentes sem olhar.

- ...Hum dia!...

Cabelo grisalho, farto, ondulado, braços robustos, rosto vincado. Nunca o viram sorrir. Se alguém dizia algo com muita graça, apenas expirava.

- Hum!... – Puxava do bolso do casaco preto o relógio de ouro lúcido preso pela corrente tilintante e olhava as horas como se não quisesse ver ninguém, e voltava a pô-lo vagarosamente no bolso junto ao coração. Depois, olhos no chão.

O Solar tinha uma configuração quadrangular e aspecto nobre. No seu topo a toda a volta, assentes nas paredes em pedra granítica, jaziam deitadas metodicamente distribuídas várias urnas de barro gigantes com fundo cónico que, foram usadas em tempos passados para armazenar o azeite. Estas serviam agora de floreiras que pareciam derramar abundantes flores lilases brotando do topo, e descendo pelas paredes. Um efeito impressionante e deveras majestoso. Dissipavam perfume pelo ar, o que contrastava com os aspecto da área circundante, de ar sinistro. O povo inventava histórias e crendices.

A herdade onde o solar estava implantado era de uma área enorme e tinha à sua esquerda, a uns cem metros da casa um cemitério muito antigo, fazendo com que algumas campas e jazigos se encontrassem semi-submersos ora por terra, ora pelas ervas daninhas e fenos em mistura sinuosa, o que dava um aspecto estranho e místico ao local. Talvez a isso se devesse a história do espírito que por ali vagueava. Em tempos remotos teria existido aí uma igreja importante, mas de cujos vestígios apenas se vislumbravam algumas pedras, espalhadas aqui e além à superfície por entre as ervas altas.

Junto ao cemitério, Benamont mandara recuperar a capela privativa de que se orgulhava e onde também não faltava a sua cadeira oratória. Esta era ainda mais arrojada do que a que possuía na igreja da paróquia. Assemelhava-se a um trono digno da realeza, de madeira nobre e intrinsecamente talhada; forrada com veludos dourados ao estilo barroco. Era deveras interessante já que para ajoelhar, bastava levantar o tampo do assento que revelava o apoio junto ao chão; para sentar, esta tinha um eixo sobre o qual girava, virando-se para a posição frontal.

- É do século dezassete – vangloriava-se.

Nas paredes da capela, Benamont mandou pintar uns murais representando uns santos que o pintor quase fizera à sua imagem, também de rosto vincado e olhar penetrante expressando condenação. Qualquer simples pecador não ficava indiferente a esse olhar que, parecia seguir todos os movimentos. Os santos tinham nomes pouco convencionais para os aldeões. A capela porém era de Santo António. Havia quem ironizasse chamando-lhe a Capela de Santo António de Benamont.

Em certas datas rezavam-se aí umas novenas e o povo cheio de fé, não faltava. Era a única oportunidade que tinha de ver a casa senhorial mais de perto, mesmo que para isso tivesse de atravessar o pequeno rio que dividia o espaço entre a capela e a casa. No Inverno o acesso era quase impossível devido ao caudal e força da água, que penteava na direcção descendente todos os arbustos das margens. Em Junho porém era fácil a travessia. No seu leito do pequeno rio tinham sido colocadas algumas pedras planas dispostas transversalmente, que constituíam um bom apoio. A viúva Etelvina que intercalava entre funcionária limpando regularmente o espaço, e beata, aproveitava para expressar os seus gritinhos de medo duvidoso, ao atravessar o rio pisando as pedras delicadamente. Esta quando aí se dirigia para a sua novena, até das pedras parecia compadecida; muito vagarosa, pé ante pé, lá ia pisando uma a uma levantando um pouco a saia, se bem que nem os sapatos chegava a molhar. Era uma mulher trintona, vistosa, elegante... tinha uma longa cicatriz na face esquerda que nunca quis explicar. Trazia-lhe más memórias.

- Ai meu Santo Antoninho!... – exclamava com risinhos timidamente atrevidos. As outras seguiam-na, não menos precavidas e provocadoras.

- O que vale é que são pedras muito grandes. A cheia nunca foge com elas...

- Ai que eu caio! Ai, ai... – Queixava-se uma meio desequilibrada. Ao que uma outra temerosa lembrou perguntando:

- E se nos aparecesse agora aqui a Escrivona?

- Ela?... Dizem que só aparece aos rapazes... não é nada burra!... – Prosseguiam aos risinhos agudos um pouco histéricos.

- Ai “Jesus”!... Não me falem nisso! – Pedia a viúva Etelvina. – Eu até já ouvi dizer que o Chiquinho das moitas se prepara para vir até cá para se encontrar com ela! ... Como dizem que ela é tão bonita...

- Cruzes canhoto!... Esse Chiquinho das moitas é fresco é!... Dizem que é atrasado, mas é só para o que lhe convém...

- Chiu!... Calem-se meninas, que as pedras têm ouvidos.

Havia o boato entre as gentes da terra de ali existirem túneis e passagens secretas, repletas de cobras e lacraus. Diziam também que por ali vagueava uma donzela, que apesar de não pertencer a este mundo, era sensual. Vestia rendas brancas, e deixava transparecer os seus atributos tendo sempre na mão uma pena, e que esta utilizava a pena para suavemente, tocar e seduzir os jovens rapazes enquanto dormiam. Se eles correspondessem à carícia, ela presenteava-os com prazeres, mas se os jovens em sono profundo e inconsciente rissem, sentindo cócegas, corriam o risco de morrer a rir. Histórias do povo, “de morrer a rir...”. Puseram-lhe o nome de Escrivã Amorosa, mas o povo na sua simplicidade chamava-lhe a Escrivona. Quem alegava tê-la visto afirmava que era muito atraente, não tendo nada a ver com fantasmas dos contos medonhos. Os rapazes, dado o insinuado erotismo sonhavam e fantasiavam sobre ela.

- A mim não me aparece ela! – Reclamavam os mais jovens e os cépticos, pelas diferentes razões.

A chegada dos Jacarandás

Chegaram enfim as árvores Jacarandá vindas do Brasil, bem acondicionadas. Eram uniformes, todas com cerca de três metros de altura. As raízes vinham envoltas em terra e esta contida em sacos serapilheira gigantes. Sessenta no total.

- Vão ficar muito bem aqui em vez dos cedros! – Benamont observava as operações da varanda térrea de sua casa, e comentava os procedimentos de quando em quando.

- Sem dúvida! – Concordou Leopoldo. - São árvores muito belas e vistosas. Sobretudo esta espécie originária do Brasil que se chama Caroba, e tem o nome científico, “*Jacaranda Macrantha*”. Esta pode atingir dez metros de altura média. Há uma outra espécie: “*Jacarandá-Mimoso*” ou “*Jacarandá Mimosifólia*,” mas essa é nativa da Argentina.

- Vejo que é especialista em árvores!

- Em projectos de exterior que executei como o do Senhor, tenho contactado com várias espécies, mas vejo que também deve conhecer bastante, até porque foi o Sr. Benamont que as sugeriu e encomendou...

- Tenho contactos com gente entendida no Brasil. – Desvalorizou.

- Reparei que nos enviaram uma a mais. Conte sessenta e uma, mas é pena que esta tenha um dos ramos serrado quase a meio!...

- Essa será para colocar Junto à capela, mas eu mesmo me encarregarei disso. Não tem de se preocupar!...

- Miriam!...Miriam!!! – Chamou em seguida em altos berros. - Como ficou a situação com a Vaporfer?

- Vaporfer?!...

- Sim, a transportadora!

- Ah...sim. Está tudo résolvido!... – Respondeu com um ligeiro sotaque brasileiro, aproximando-se. Miriam era muito bonita. Uma espécie de governanta da casa. Cabelos escuros, longos, brilhantes, pele morena lisa sem imperfeições, apenas um pequeno sinal preto como que desenhado a lápis junto aos lábios, que realçava ainda mais a sua beleza. Tinha a última palavra depois de António Benamont e exercia a sua influência. Notavam-se-lhes muita cumplicidade.

Leopoldo percebia os olhares trocados entre eles e até tinha comentado com Isa que, embora lhe tivesse reprovado a insinuação, (por questões de solidariedade feminina?) ficou também com algumas dúvidas. Até porque pensava ser pouco provável que aquele homem de ar tão austero e sisudo, pudesse alguma vez ser capaz de uma relação amorosa. Afastou o pensamento.

- Telefonou ontem o Sr. Carlos Piçarra, dizendo que vem cá a Coimbra falar com o Senhor – Informou Miriam.

- Hum... – Resmungou.

- Sr. Benamont, – Disse Leopoldo aproveitando a pausa. – agora que tudo está como previsto e espero que do seu agrado, as árvores estão aí assim como o pessoal com toda a competência para as colocar devidamente, é hora de partir. Vou fazer as malas hoje mesmo e amanhã de manhã apanho o comboio para Lisboa! A minha mulher já reclama pela ausência, tem as férias marcadas e... – esboçou um sorriso – aqui a Isa também já acha que é hora. Não é assim Isa?

- Não havendo mais afazeres, o Senhor manda!...

- Sim...sim, está tudo muito bem. Não tenho reclamações e os trabalhos correm do modo que esperava – olhava em redor – mas... gostava que levasse a supervisão até ao fim. Aliás, quero que siga de perto a implantação das árvores e a montagem da ponte de madeira sobre o rio, que diabo!... Não quer ver tudo depois de terminado? Já falta pouco...

- Mas Sr. Benamont, sabe que o que falta fazer agora não passa de pequenos pormenores... são já coisas secundárias que demorarão apenas alguns dias. Pequenos detalhes que podem prescindir da minha presença. Além disso sinto-me um pouco como um intruso na sua residência, já lá vai um mês e tal e o Sr. compreende, a saudade...

- Não é intruso e sabe bem que aqui era o local ideal para ficar, acompanhando mais de perto a execução dos trabalhos!...

A mansão ficava ainda distante da aldeia mais próxima, e esta nem sequer era dotada de locais para alojamento. Essas facilidades apenas existiam em Coimbra, a cerca de vinte cinco quilómetros dali.

- Sim, tem razão. Hoje é Segunda-feira, ficaremos então até Sexta-feira, pois viajo com a família no Sábado! Que me diz, Isa?

- Sou sua assistente e repito o que disse antes: o Sr. Manda! – Respondeu repondo com os dedos em movimento circular os cabelos atrás da orelha.

- *Por este andar isto nunca mais acaba...* – Pensou.

Isa era assistente, secretária e confidente de Leopoldo. Uma rapariga muito competente; imprescindível. Estava sempre munida do seu bloco e lápis e acompanhava-o no terreno. Corpulenta, com os cabelos cenoura soltando-se rebeldes, envolvia-se até em tarefas físicas se necessário. Contactos e agendamentos eram com ela, além de ser uma excelente pintora artística. Nos momentos de lazer não desperdiçava o seu “hobby” como lhe chamava. Munida de paleta e pincel, sentava-se com frequência de cavalete à frente como um espelho, e percorria os campos capturando as flores na tela. Já se tinha tornado uma amiga de confiança da família Albuquerque, passando frequentemente as suas férias de Verão com estes, e o próximo não seria excepção.

Era Junho e fazia um calor muito intenso. - Sol de trovoadas!.. – Diziam os mais velhos. Benamont contemplava a sua casa a meia distância, olhando orgulhoso para a imponente fachada. Ao ouvir vozes, virou-se para os portões de ferro que davam acesso à propriedade lá ao fundo. O guarda que acumulava as funções com as de jardineiro, depois de uma breve troca de palavras com o condutor do Mercedes preto, anunciou em voz alta lá de longe:

- É o Sr. Carlos Piçarra!

- Abra!... – Ordenou Benamont.

O Guarda permanecia a maior parte do tempo no seu posto em pedra à entrada da quinta, que mais parecia uma guarita. Este assemelhava-se muito a Benamont fisicamente pela robustez e altura. Obedecendo prontamente, empurrou os enormes portões de ferro que gemiam, enquanto esmagavam as pequenas areias sob o peso das rodas deslizando nos trilhos de metal.

- Estamos então decididos. Ficam até Sexta-feira. – Concluiu Benamont afastando-se um pouco, como que dispensando Isa e Leopoldo da sua presença.

O Mercedes subiu rapidamente a larga calçada de granito até à mansão. Benamont permaneceu expectante. Leopoldo e Isa, entendendo que seriam intrusos com a sua presença, afastaram-se protegendo-se do calor. Todo o pessoal envolvido nos trabalhos estava ainda na sua hora de descanso para o almoço. Assim, decidiram sentar-se a uma mesa situada na varanda térrea frontal que, ocupava toda a largura da casa, e inadvertidamente ouviam o murmurar da conversação dos dois intervenientes à distância, mas esta era indecifrável.

- *Não querem ser ouvidos.* - Deduziram.

- Este lugar é um pouco estranho! - Desabafa Isa. - Sabe que correm boatos de que a herdade é assombrada e tem um fantasma residente? – Disse sorrindo, com ar duvidoso.

- Sim, sim. Com o espaço que aqui tem, dificilmente nos encontraremos com ele e não precisa de nos importunar!

- Ela!... Dizem que é o de uma moça escritora, que veste de branco e tem uma pena sempre na mão. A Etelvina contou-me em segredo, – Riu-se prosseguindo – Chama-lhe a “Escrivona”. Diz que até já a presentiu na capela...

- Decerto não acabou de escrever o que pretendia...que pena. Pipi, não me diga que uma rapariga instruída como você também acredita nisso?

- “Que las ai, ai!...”

- Pois para mim, só há ai, quando se cai! – Ria-se desdenhando.

- Tomara já o fim-de-semana. Estou a ficar um pouco cansada e este calor não ajuda. Vou refrescar-me um pouco.

Levantou-se e dirigiu-se aos seus aposentos. Leopoldo por sua vez seguiu para verificar de perto os homens que, começavam na plantação das árvores dando-lhes algumas instruções, para logo desaparecer na distância em direcção à capela. Decidiu ir ver de novo os frescos recém pintados, mas que precisavam secar para receberem mais uns pequenos retoques de pormenor. Embora não fosse o seu trabalho directo, fora ele quem contratara os artesões. Isa poderia bem executar essa tarefa, mas Leopoldo optou por não o fazer.

O último Inverno tinha sido severo e a humidade danificara bastante as pinturas dos frescos. Entrou.

Apesar do trabalho envolvido em toda a capela, o chão de mármore branco, polido, era tão espelhado, que fazia com que o arco, em talha dourada que tinha no centro o sacrário, descrevesse um círculo completo. Benamont era exigente. Tudo tinha de estar meticulosamente limpo.

- Não quero ver marcas no chão!.. – Dizia de forma exigente e os intervenientes nos trabalhos de restauração, não levavam as suas palavras de ânimo leve. Por baixo das pinturas, junto às paredes e a todo o comprimento da capela, foram colocados o que pareciam ser longos lençóis pretos. A viúva Etelvina que alternava entre beata e mulher a dias, quando viu os panos pretos de dimensões tão gigantescas exclamou supersticiosa:

- Credo, Jesus!...Parece que puseram isto tudo de luto!... Mãe do Céu!...

Havia no ar um odor a mofo misturado com o de tintas e vernizes frescos, um pouco estonteante. Contemplando em redor durante alguns minutos, Leopoldo dirigia-se lentamente à porta de saída, mas apercebeu-se de que Benamont e o passageiro do Mercedes se vinham aproximando pelo jardim em sua direcção. A voz de Benamont era inconfundível. Grave; de frases concisas. Leopoldo não era homem tímido, mas não quis ser visto pelos dois, não viesse Benamont ainda com ideias para o fazer prolongar mais a estadia. Rodando sobre si mesmo, com o olhar varreu novamente os frescos austeros das paredes. Nunca ficava indiferente àqueles olhos das personagens canónicas parecendo segui-lo. Ouviu as vozes cada vez mais claras que se aproximavam e decidiu recatar-se para detrás do arco. Benamont e o visitante não fizeram intenção de entrar. Do lado de fora continuaram a conversação. Agora ouvia-os mais claramente.

- Como deves compreender, foi um grande risco e espero não vir a corrê-lo novamente. Tudo está cada vez mais complicado.

- *Não sabem que estou aqui.* – Deduziu Leopoldo.

- Eu próprio assumi o controlo da operação selando o contentor pessoalmente, e tomei providências sobre o que me era atribuído e foi acordado. Sabes que lá, não se pode deixar este tipo de trabalhos em mãos alheias, por razões óbvias. Tudo está na árvore que tem o tronco serrado conforme os planos.

- Sim, claro meu caro amigo. Não tenciono pedir-te mais nada Piçarra. Infelizmente não vejo possibilidades de trazer o que resta num futuro próximo. - Leopoldo reconheceu aqui a voz de Benamont que continuou:

- Antuérpia oferece boas condições segundo dizem e se tudo correr bem, gostava de no futuro poder contar novamente com a tua preciosa colaboração, para o resto que ficou para trás. – Houve uma pausa.

- Não sei não, António! Isto está cada vez mais apertado. Tenho informações vindas do Brasil, de que já andam a farejar por cá. São precisas mil cautelas para não me verem por estas bandas. A viúva é que os vai levar.

- Mas confias nela?

- Ninguém suspeita dela. Se me virem por aqui e me revistarem, não tenho nada a temer.

- Está bem. Deixo-os no lugar combinado, mas tem cuidado com essa mulher. Ela e Maurício não são de confiar!

- Talvez tenhas razão, mas mal seria!

- Agora mesmo vou dar ordens para que tragam a árvore para aqui. Aproveito e depois planto-a neste local.

As vozes iam-se distanciando. Leopoldo respirou de alívio ao ver que não tinham intenção de entrar na capela.

Ficou intrigado e desde logo pensou haver ali algo de misterioso. – *“Eu próprio assumi o controlo da operação selando o contentor pessoalmente.”* – Seria Piçarra alguém relacionado com a Alfandega portuária? – *“Ela e Maurício não são de confiar!”* – Do que seria que falavam? Várias questões se levantavam e era evidente que a relação entre os dois, era uma relação de amizade e confiança mútua que era perceptível tanto pelo trato, como pela partilha de algo muito sigiloso.

Eram quase 20:00 horas. Leopoldo preparava-se para descer. O Jantar era servido pontualmente e Benamont não gostava de atrasos, mas que significaria a conversa entre este e aquele homem chamado Piçarra? Não era de sua conta, no entanto aquelas palavras assaltavam-lhe o pensamento.

“Tudo está na árvore que tem o tronco serrado” e “Antuérpia”.

- *Não posso pensar nisto ou meto-me em algo que não me diz respeito e isto ainda acaba mal...* – tentava esquecer o mistério rebuscando outros pensamentos, quando nesse momento alguém bate à porta do seu quarto.

- Quem é?

- Sou a Miriam. Puseram uma carta para si junto com a minha correspondência e eu abri-a, não me apercebendo de que era para si!

Leopoldo passando uma mão pelos cabelos ainda húmidos e segurando o cinto com a outra, abriu a porta mas não estava preparado para o que vinha a seguir.

- Tenho uma carta para si. Uma surpresa... – Disse, fixando profundamente os seus olhos nos dele. Envergava algo muito leve que deixava transparecer a nu todos os contornos e detalhes do seu corpo. Cabelos perfumados ainda húmidos. Face rubra. Num ápice apertou-o contra si beijando-o quase furtivamente. Leopoldo não soube como responder. Tudo tão rápido, nem se lembrava se a tinha beijado também, tal era a surpresa, a rapidez e estupefacção com que tudo acontecia. Lembrou-se de Adélia num flash, mas exclamou semi-sussurrando:

- Que surpresa!... - Estava surpreendido mas também temeroso. Olhou para o fundo do corredor onde Benamont tinha o seu quarto. Temeu que surgisse a qualquer momento.

- Não se preocupe. Acho que ele já desceu.

- Mais uma razão para não perdermos tempo. Sabe que ele não tolera esperar...

Entretanto houve-se o fechar leve de uma porta ao fundo do corredor. Os dois olharam em simultâneo nessa direcção, mas nada viram. O coração de Leopoldo bateu mais depressa. Não podia correr o risco de ter má reputação sobre o seu trabalho e o desrespeito para com o seu anfitrião seria imperdoável. Pegou a carta da mão de Miriam, meteu-a rapidamente no bolso do interior do casaco, puxou a porta e desceu apressado.

À mesa, no topo, estava sentado o Sr. António Benamont. À sua esquerda, Isa. À direita, a cadeira vazia destinada como sempre a Miriam. Leopoldo dirigia-se para o lugar em frente do seu anfitrião como já era costume, mas Benamont interveio.

- Isa, importa-se de trocar lugares com o Sr. Leopoldo?

- Claro que não! - Respondeu levantando-se.

- Quero vê-lo aqui mais perto! - Olhou Leopoldo fixamente.

- A que se deve a honra? - Perguntou escondendo a voz que quase saíra tímida.

- Nada em particular, tem de haver razão? - Parecia diferente. Falava agora fixando os olhos no prato enquanto rasgava o pão bruscamente com os seus dedos possantes.

- Não, não. Claro que não!

- Não nos quer entreter um pouco ao piano? Isa disse-me que toca bem! - Sugeriu Benamont por entre a frieza; palavras que não transmitiram grande empenho em ouvir alguma música. O piano ali existente nunca tinha alegrado aquela casa.

- Eu não disse bem. Disse muito bem!... - Corrigiu Isa

- Nem por isso!... - Mostrava o dedo: - O meu dedo mindinho...tenho uma artrose; não o posso dobrar. Suponho que é problema de família, o meu pai também tinha o mesmo problema com o dedo. Eu tenho um pouco mais de sorte no entanto.

- Como assim? - Perguntou Benamont sem o olhar.

- O meu, tal como o dele, é o da mão esquerda, só que ele era canhoto. - Isa riu-se e disse.

-Vá, não seja modesto. Só hoje!...

- Está bem, mas não reclamem se falhar algumas notas. - Sentou-se ao piano e tocou a mesma melodia melancólica que era a favorita de Adélia. Isa cantarolava em sussurro, acompanhando quase imperceptivelmente as notas:

- “O teu corpo é paz, sedução, de quimeras mil um castelo ergui...”

Nesse momento aparece Miriam deslumbrante, envergando um vestido pérola com pregas que desciam dos ombros à cintura em forma de leque aberto, dirigindo-se ao seu lugar. O piano silenciou-se. Todos se levantaram sentando-se de seguida à mesa, sincronizadamente. Todos, menos Benamont que não se levantara como de costume.

- Que surpresa agradável, não sabia que tocava... - Disse Miriam sorrindo e olhando fixamente Leopoldo. - Não devia ter parado só porque cheguei!... - Exclamou com voz meiga.

Isa interrompeu.

- Que vestido lindo! Faz-me lembrar o estilo “Art Nouveau”.

- Obrigada. Quer dizer “artgi” nova? - Outra vez o sotaque.

- Como pretender. É lindo, é o que interessa!

- Porquê a demora? - Perguntou Benamont enquanto a sua mão se dirigia para o inseparável relógio de bolso.

- Demora? São agora precisamente 20:00 horas... - Respondeu olhando o relógio de pulso. Nesse instante o relógio de sala gigantesco deu-lhe razão, confirmando com oito penosas badaladas o que fez Benamont abandonar o gesto procurando a confirmação no seu bolso, naquele instante.

- Hum... - Murmurou este, enquanto o criado munido de terrina e concha, lhe servia a sopa.

Decorria o jantar e Miriam fixava Leopoldo com um olhar insinuante, deixando de quando em quando baixar e subir as pálpebras lenta e provocativamente. Leopoldo fingia não entender e desviava o olhar disfarçando, como se nada visse. Benamont era astucioso e poderia entender a provocação. Isa não ficando indiferente decidiu abrir o diálogo que acabara monólogo, mas dada a atmosfera na sala, não ficou surpreendida...

- Então que dizem dos Jacarandás, estão a ficar lindos não estão? E sobretudo porque já vêm floridos...o pessoal é bastante rápido na plantação. Não tardarão a fazerem-se umas árvores majestosas! – O silêncio veio como resposta e abafou as palavras proferidas. Apenas se ouvia o tiquetaque do relógio, misturando-se com o ruído dos pratos que eram levantados da mesa pelo criado. A refeição continuou quase em silêncio. Findo o jantar, Leopoldo decidiu quebrá-lo.

- Preciso de um café para despertar, este calor faz sono. Depois vou subir para o meu quarto, não quero perder o Telejornal.

- Acha? A mim o calor faz-me sentir pegajosa. – Queixava-se Miriam. – Não vou querer café. Se não se importam vou refrescar-me, e depois deitar-me um pouco lá fora nas espreguiçadeiras, para apanhar o ar fresco!

Tomado o café após o jantar, todos subiram as escadas majestosas de granito preto. Os balaústres de ambos os lados eram soberbamente polidos e elegantes embora robustos. As paredes eram de decore classicista cor bordeaux, complementadas por óleos de molduras a ouro. Chegados ao corredor do primeiro andar, trocaram desejos de boas noites e cada um dirigia-se para os seus aposentos quando Miriam perguntou:

- Alguém me quer fazer companhia lá fora nas espreguiçadeiras mais tarde? - Só Isa respondeu:

- Não obrigada. Estou um pouco cansada. Fico por aqui! – As portas fecharam-se. Corredor deserto. Silêncio.

Leopoldo acabara de entrar no seu quarto e imediatamente tirou do bolso a carta que Miriam lhe entregara antes do jantar, mas que por receio do atraso e pela surpresa inesperada, nem sequer tinha visto convenientemente. Um sorriso irradiando felicidade preencheu-lhe o rosto. A carta que Miriam abrira por engano (?) era da mulher. Adélia. Falava do quanto sentia a sua falta, de Sandra, a filha que os dois tanto amavam, e dava conta das novidades durante o tempo de ausência. Uma carta familiar normal entre um casal, como muitas outras que antes tinha recebido, não fora o que o deixara estupefacto e que tinha sido acrescentado num último parágrafo.

-Estou louca por si. Benamont é muito controlador. Tenho tentado em várias ocasiões chamar a sua atenção, mas você não me tem entendido. Desejo-o desde o primeiro dia. Quero senti-lo junto a mim e beijá-lo loucamente. Amo-o. Hoje depois do jantar irei ter consigo ao seu quarto. - De batom vermelho assinou, imprimindo os seus próprios lábios.

– Por esta não esperava eu! – Pensou incrédulo esboçando um sorriso de estupefacção. – *Há cada coisa...*

Ligou a TV, sentou-se sobre a cama e deixou-se cair para trás de braços estendidos ainda com a carta na mão. Ouviu uma chave penetrar a fechadura da porta, apenas ergueu a cabeça. Aí estava! Miriam.

Ele deixou-se ficar. Ela, sem fazer ruído, fechou gentilmente a porta. Deitou-se sobre ele. Envolveu-o. O momento fora estonteante tal como começara. Ele, talvez para evitar complexos de culpa, apenas participou com o que tinha para contribuir. Ela, saciada, saiu com a mesma subtileza. Pé ante pé, retirou-se sem que a porta a denunciasse.

O momento fora deveras absorvente de todas as emoções. Leopoldo não sabia o que pensar. Tinha, é certo, reparado naquela mulher de ar arrebatador, sensual, mas todos os contactos que tivera com ela tinham sido sempre do foro profissional, inerentes às circunstâncias, e na presença de Benamont. Este porém, com toda a sua frontalidade, exigência e imponência roçando o arrogante, ofuscava e sobrepunha-se a qualquer pormenor acessório de qualquer espécie.

- Não posso deixar envolver-me, ou isto ainda acaba mal. Mas já falta pouco para ir embora...

- Pensou com a sensatez dos seus trinta e cinco anos, no entanto não era fácil recompor-se.

A maior surpresa

Leopoldo escutava as notícias sem as ouvir, tão alheado estava sobre os últimos acontecimentos. Mas pareceu-lhe ter sentido barulho lá fora.

A atmosfera era abafadora no seu quarto, e apenas com a luz emitida pelo aparelho de televisão, decidiu abrir a janela com vista para o pequeno rio. Reparou então que do lado de lá, junto à capela, estava o vulto de um homem que com uma pá, ia remexendo o saco de terra que envolvia as raízes da árvore Jacarandá do tronco serrado. A mesma que fora o tema da conversa entre Benamont e o homem do Mercedes preto, e à qual se referira Benamont anteriormente dizendo:

-“Esse (Jacarandá) será para colocar Junto à capela, mas eu mesmo me encarregarei disso.”

La retirar-se da janela, mas perguntava-se:

- *Quem será aquele homem? Benamont? É certo que disse que ele próprio se encarregava de tudo, mas a esta hora? Será alguém vandalizando a árvore? Pelos movimentos é alguém possante. Parece-me o Guarda...* - Fixava o olhar cada vez mais e continuava:

- *Mas Benamont tem a mesma fisionomia...*

De repente lembrou-se das frases que ouvira anteriormente:

“Tudo está na árvore de tronco serrado” e “Antuérpia” .

- *Que quererá isso dizer?*

Eram já cerca das 22:00 horas. Havia pouca luz lá fora. Dotado da sua curiosidade, Leopoldo decidiu ir investigar mais de perto. Rapidamente, munuiu-se de uma lanterna de foco que pôs no bolso, vestiu o seu casaco azul-escuro para melhor se misturar na noite, e fechou cuidadosamente a porta do quarto atrás de si. Em silêncio e descalço, percorreu o corredor até ao fundo onde havia uma janela com abertura do tipo guilhotina, e que dava para o exterior. Deslizou-a para cima abrindo-a cautelosamente. O coração acelerava ao ritmo do desenrolar dos acontecimentos. Não queria chegar atrasado para não perder o que se estava a passar, mas tinha de ser cauteloso para não ser visto. Nas traseiras, com os troncos quase colados à janela, estava a latada que antes já tinha admirado pelo porte e que era provavelmente tão velha quanto a casa. Desceu-a. Não podia perder tempo. Cada vez escurecia mais. Lá fora ouvia-se o ténue deslizar das águas pelo leito do rio e o coaxar das rãs.

Em silêncio, aproximou-se da margem. Temia que Miriam o visse, já que esta tinha dito que iria estar deitada lá fora nas espreguiçadeiras junto à casa. Tentava apressar-se em direcção à capela mas os pequenos seixos não se compadeciam dos seus pés fazendo-o abrandar a marcha. Misturando-se por entre as ténues sombras das árvores de pequeno porte, chegou ao pequeno rio. O caudal era baixo. Arregaçou as calças. Desceu. Sentia a mistura de areia e lodo mole a subir-lhe lentamente por entre os dedos dos pés mas deixou-se ficar, já que daí, escondido pela margem, poderia espiar melhor a acção.

Quem era continuava procurando por entre a terra e as raízes da árvore Jacarandá, junto à capela. As rãs calaram-se. O homem olhou na sua direcção. Leopoldo baixou-se por momentos. Continuou então ouvindo remexer na terra. Levantou-se ligeiramente e reconheceu:

- *Benamont* – Pensou. Mas logo fixando de novo o olhar, ficou com dúvidas.

- *Será o Guarda?* – Deixou-se ficar imóvel. O homem parecia ter encontrado finalmente o que procurava e olhando em redor entrou na capela. As luzes acenderam-se. Leopoldo aproveitou. Escorregou um pouco, mas por fim com os dedos dos pés ancorando-se nas ervas molhadas, conseguiu ultrapassar a margem. Correu e escondeu-se em ziguezague por entre as campas centenárias abandonadas, acercando-se da porta da capela. Aproximou-se um pouco mais. O coração quase rebentava de acelerado. Susteve a respiração e ganhou coragem. Colou a face à porta e espreitou deslizando suavemente. Conseguiu então vislumbrar o homem que, abrindo o sacrário, aí guardou algo que lhe pareceu ser uma pequena bolsa, fechando-o logo de seguida. Este ao voltar-se,

fez com que Leopoldo escondesse o rosto de novo atrás da porta, ao mesmo tempo que se prestava a retirar-se de imediato, mas entretanto ouviu o que lhe pareceu ser o guinchar de umas dobradiças. Não se apercebendo passos em direcção à saída, não resistiu e voltou a espreitar. O homem estava agachado, guardando o que pelo tilintar pareciam ser umas chaves, num compartimento secreto da cadeira oratória de Benamont.

Leopoldo retirou-se rápido, escondendo-se novamente por detrás de uma campá. A penumbra transformou-se em noite; a noite na sua protecção. Tinha-se levantado um pouco de vento que soprava por entre as folhas das árvores como uma cascavel.

O Homem saiu apressado e silencioso. Puxou a porta, olhou em redor e dirigiu-se em direcção ao ponto usual de passagem atravessando o pequeno rio, pedra ante pedra. As rãs calaram-se novamente. Os seus passos eram tão uniformes e calculados que o seu vulto parecia deslizar pela noite. Leopoldo ponderou segui-lo, mas a curiosidade de ver de perto o que estava escondido na capela, levou a melhor. Agachou-se e caminhando curvado, alcançou a porta. Abriu-a devagar, provocando um pequeno ranger. Deixou-a entreaberta. Assim não causaria mais ruído fechando-a e na eventualidade de ter de sair rápido, a tarefa seria mais fácil, pensou. Ligou a pequena lanterna que dava uma luz ténue e pálida. Sentiu o olhar condenador das pinturas dos frescos seguindo-o e o cheiro das tintas ainda perdurava, dando uma atmosfera pouco acolhedora ao local. O chão, de tão brilhante, duplicava o foco da lanterna. Mesmo assim a luz era fraca.

Leopoldo descansou um pouco pelo facto de não haver janelas voltadas para a casa, o que poderia denunciar a sua presença. Apenas havia uma janela vitral de forma circular por detrás do sacrário voltada a Nascente que, de dia tinha cores fortes, mas à noite era como se as cores não estivessem lá. Esta fora deixada entreaberta, para dissipar os cheiros e facilitar a secagem. Uma ligeira brisa varria o local.

- *Não acredito que estou nesta situação.* – Pensou, sentindo um fluxo de consciência autocrítica, mas continuou. Apalpou a cadeira oratória em vários pontos. Puxava aqui e ali com uma mão, a lanterna na outra, mas nada. Não conseguia encontrar o compartimento onde pudesse estar escondida a chave que procurava. Pôs a lanterna no bolso. Tudo ficou imerso na escuridão. Pegou a pesada cadeira levantando-a a custo e sacudiu-a ligeiramente. Ouviu um retinir dentro do apoio para os joelhos. Não podia executar a acção só com uma mão. Pousou então a lanterna agora acesa sobre o apoio de braços aveludado no topo e com as duas mãos, uma de cada lado, sentiu duas ranhuras simétricas. Nelas, uma espécie de gatilhos inseridos com molas deslizantes. Puxou-as na sua direcção e ao mesmo tempo fez pressão para cima, levantando o apoio para os joelhos. Este abriu-se como um livro chiando um pouco. Nesse momento a lanterna rolou sobre si e caiu causando um ruído seco que ecoou. Escuridão completa. Temeu não poder prosseguir. Tremia. Sentiu o dilatar das pupilas no escuro. A luz que vinha de fora, e que os seus olhos lentamente conseguiam captar, era agora apenas a do luar e céu estrelado. Agachou-se e tacteando com ambas as mãos em redor conseguiu tocar a lanterna. Tentou ligá-la. Nada. Esforçava-se batendo-a ligeiramente contra a mão. Nada. Pôs a lanterna no bolso e dirigia-se para a porta de saída, desistindo, quando inesperadamente depois de alguns passos, a lanterna se reacendeu.

- *Deve ter sido mau contacto.*

Lá fora ouvia-se um ruído estranho. Uma mistura de cântico de rãs e vento. Silenciou-se parando nervoso e expectante. Voltou-se novamente para o objectivo que o levava ali. De lanterna erguida apontou o fraco feixe de luz à porta. O medo inventava sombras em todo o lado, mas logo se reconfortava:

- *Não é nada. Agora é o momento para tomares rapidamente a iniciativa ou desistires, Leo.* – Disse imperativamente a si próprio em surdina, usando o nome familiar pelo qual o tratavam.

- *Ou sais, ou tomas o touro pelos cornos! Mas já que estás aqui...* – Decidiu-se pela última.

Voltou atrás e caminhou de novo até à cadeira oratória que tinha o esconderijo. Pousou a lanterna no chão e desta vez retirou as chaves aí contidas. Duas, presas por uma anilha. Apertou-as entre a mão direita para as silenciar. A mão esquerda tinha o dedo mindinho que não fechava, e não

havia que arriscar, não as podia deixar cair. As chaves estavam geladas, mas a mão também, de tal forma que parecia dormente. Lá fora os sons do cantar do vento e das rãs continuavam.

Munido das chaves, Leopoldo dirigiu-se rápida mas silenciosamente até ao sacrário. Pousou a lanterna sobre o altar, inseriu a primeira chave na fechadura. Esta entrou, mas não girava. O momento era arrasador. Leopoldo sentia o sangue exercer pressão sobre as veias. As mãos tremiam. O coração cavalgava. Susteve a respiração como se ela fosse impeditiva de algo. Tentou agora com a segunda chave. Rodou-a para a direita e por fim, deslizando muito levemente na sua direcção, a porta robusta, pequena mas pesada, abriu-se. Lá dentro, um cálice que na luz ténue parecia ser dourado. Dentro deste um pequeno saco. As figuras dos frescos, ofuscadas, olhavam-no fixamente. Ouviu um ruído estranho mas seco ao fundo. As edificações antigas têm sons próprios. Falam a sua linguagem em forma de pequenas contracções no frio da noite, como se fossem parir um filho. Outras vezes em forma de som de bicho do caruncho.

Leopoldo retirou o cálice e pousou-o sobre o altar.

- *Deus me perdoe!*... - Pediu.

Tinha recebido uma educação religiosa católica de seus pais, e embora não praticante, (era contra o facto dos padres não poderem casar) considerava-se um bom cristão. Sentia que estava a cometer um sacrilégio tocando em objectos que carregavam uma simbologia cristã deveras forte. Com o saco ainda dentro do cálice, desatou os cordões e puxando pelas extremidades, este abriu-se como um diafragma. Um brilho intenso emanou de dentro. Era como se a luz ténue da lanterna se tivesse transformado e multiplicado em imensos pequenos feixes de luz emanando do interior.

- Diamantes!... Isto vale uma fortuna... Benamont faz contrabando!.. Eu sabia que isto tinha algo de estranho.

Nesse momento a porta da capela fechou-se com algum estrondo. Seria o vento, ou alguém tinha descoberto a sua presença? Estremeceu. Agora dadas as circunstâncias, temia pela sua vida. A intrusão era grave e no sobressalto, o cálice contendo o saco aberto com os diamantes quase tombava. Porém, satisfeita a sua curiosidade, nem por um momento pensou apossar-se de tal conteúdo. Rapidamente fechou o saco, pegou o cálice e devolveu-o ao sacrário fechando-o. Retirou as chaves e depositou-as no compartimento da cadeira oratória.

A lanterna debitava agora uma luz cada vez mais débil. Todo ele estava gelado, e tinha de sair dali o mais depressa possível. Olhou a única janela por cima do sacrário que estava entreaberta.

- *Demasiado alta!*... - Considerou.

Sentia os pés descalços colarem-se ao mármore gélido devido ao suor frio. A meia distancia da porta, via a luz da lanterna morrer lentamente. Num relance momentâneo os olhos inventavam claridades e pareceu-lhe ter visto uma silhueta esbranquiçada, translúcida e luminosa.

- *É com certeza ilusão de óptica, devido à falta de luz.*

Decidido avançou lentamente, mas tropeçou em algo que lhe travou o andamento temeroso. Um dos panos pretos que protegiam o chão e se tinha descolado pela corrente de ar? Aproximou-se da porta. Questionava-se:

- *E se está alguém aqui fora à minha espera?*

Rebuscou a coragem por entre o medo, girou o puxador lentamente, mas este não rodava bem devido às mãos húmidas. Puxou. Nada!... A porta não abria. De repente ouviu um bater de asas um pouco atrás de si. Em pânico, rodou novamente o puxador, puxou com as duas mãos com toda a força que possuía e a porta abriu-se por fim.

Estava aliviado. Podia agora encher os pulmões de ar fresco. Com o luar, as campas pareciam iluminadas. Uma visão de conforto, depois dos momentos que passou lá dentro. Riu-se de si próprio por se ter sentido tão aterrorizado ao ouvir o bater de asas lá dentro. No meio do pânico, nem se lembrou que a viúva Etelvina numa das suas limpezas rotineiras, se tinha queixado que tinha visto uma coruja dos celeiros sair pela janela e que esta lhe tinha deixado um "*presente sujando o chão de mármore*, - foi o vocabulário usado; - *é preciso fechar a janela!*".

Agora que tinha desvendado parte do mistério, mas ainda numa situação comprometedor, tinha de pensar como regressar a casa sem ser visto. Sentou-se numa das campas mais próximas recompondo-se da aventura. A lua mostrava-se generosa afastando a escuridão. Na cimeira da fachada dum jazigo adjacente, em frente à capela, estava a estátua em granito representando o arcanjo S. Miguel de espada em riste, ameaçadora.

- *Não tenho medo dos mortos!* - Dizia frequentemente. - *Tenho é medo dos vivos!*

O momento presente confirmava-o. Olhou para a cabeceira da campa onde estava sentado refazendo-se um pouco, e por entre as manchas de musgo, pareceu-lhe ver inscrito um nome que lhe chamou a atenção:

- *Miriam...*

Aproximou-se mais descortinando por entre o luar e leu de novo soletrando, passando os dedos pelo relevo baixo não estivesse o luar a pregar-lhe alguma partida.

- *Ah... Mariana!... Seria muito estranho!*

A tensão do momento fazia-o imaginar coisas. Decidiu voltar rapidamente a casa.

Atravessou o rio cautelosamente, e seguiu ao abrigo das árvores e arbustos rumo ao seu quarto. Era no entanto forçado a caminhar como que dançando, devido às minúsculas pedras que já lhe feriam os pés. Desengonçado, seguiu em direcção ao local por onde tinha vindo, transpondo os mesmos obstáculos. Subiu a parreira; entrou devagar pela janela.

- *Parece que ninguém me viu ou deu pela minha ausência.* – Ficou aliviado.

Na casa havia um silêncio absoluto. Seguiu pelo corredor em direcção ao seu quarto, até que se apercebeu de alguns rumores, como que segredando e expirando, vindos do piso inferior.

- *É curioso... quem será?* – Desceu lenta e silenciosamente alguns degraus da grande escadaria. Aquele ofegar agora mais próximo não lhe era estranho. Não era inocente.

- *Alguém se está a divertir por ali e de que maneira...* – No hall estava aceso um candeeiro de luz quase inexistente. Quem seria que estava fechado naquela pequena sala? Decerto não era ninguém da criadagem. Estes estavam proibidos de sair das zonas de serviço, a menos que tivessem afazeres. Seria Benamont? Dificilmente. Esse tinha de estar ainda lá fora. Desceu mais uns degraus.

- *Oh...* - Ouvia-se uma lamúria ofegante de prazer.

- *Será Miriam?*

Decidiu retirar-se para o seu quarto. Temia ser visto. Com a adrenalina em alta, deitou-se sobre a cama descansando. Fechou os olhos e reviveu a cena adormecendo por alguns minutos. Repentinamente, acordou sobressaltado.

- *Caramba!... Parece que alguma coisa me tocou na cara ao de leve. Será que estou a ficar com alucinações?*

Pareceu-lhe ouvir vozes dissimuladas no hall em baixo. Saiu do seu quarto cuidadosamente, e recatando-se, deslocou-se rapidamente pelo corredor para o lado contrário da escadaria, de onde vislumbrou um homem que acabava de entrar discutindo com Benamont.

- *Cala-te!* - Ordenava Benamont em sussurro. - *Que explicações se dão agora?*

- *Eu tinha-a avisado.* - Dizia a outra voz. – *Descobri que me trai com o Piçarra, e há pouco saiu daqui com o atrasado.*

- *És doente!* Já a mãe o dizia. *Tenho de fazer qualquer coisa. Isto não pode ser!*

Esgueirando-se por entre os balaústres, Leopoldo conseguiu por fim, por uma nesga, ver melhor o outro interveniente na discussão.

- *O Guarda!...* - Tapou a sua própria boca pasmado.

- *Mas são irmãos? Como é possível?*

No corredor, já protegido dos olhares vindos de baixo, reparou na porta do quarto de Isa, e notou pelo fundo daquela que a luz estava acesa, mas considerou:

- *Não podia ser Isa lá em baixo, não!...Nem pensar!*

Dirigiu-se à porta para certificar-se. Chamou.

- *Pipi!...*

- Sim, que se passa? – Respondeu Isa de dentro, intrigada.

- Nada, nada. Está tudo bem. Amanhã explico!

- *Muito estranho!... “Descobri que me trai com o Piçarra, e há meia hora saiu daqui com o atrasado.” Mas a quem se referia o Guarda afinal?*

O sol já ia alto, Leopoldo olhou o relógio meio ensonado. Eram 8:45 da manhã e o pequeno almoço era pontualmente servido às nove. Tinha apenas um quarto de hora. Pensou em não se barbear, mas o pensamento de que era desejado por alguém, serviu subconscientemente de incentivo para estar o mais apresentável possível. Dirigia-se para o duche, quando alguém bateu à porta. A ideia de que pudesse ser Miriam deixou-o apreensivo. Não quis responder, até que ouviu a voz de Isa.

- Leo. São horas de descer!...

- Estou quase!...

- Eu vou indo para a mesa!

- Está bem. Já lá vou ter!

Desceu também as escadas dirigindo-se à sala de jantar. As janelas adereçadas com longos cortinados simétricos de um azul imperial estavam abertas, deixando entrar o sol. Antevia-se uma leve brisa que provocava o ondular suave das cortinas interiores mais finas.

- Bom dia! - Disse. Apenas Isa estava sentada à mesa. - Hum!...Que cheirinho a café...onde está toda a gente?

- Não faça a mínima. Está tudo muito calminho!...

- Benamont costuma ser o primeiro, é estranho!

Nesse momento chega um dos criados que anuncia:

- O Sr. Benamont manda informar que hoje não estará por cá. Teve de se deslocar a Coimbra para tratar de uns assuntos! – Dirigiu-se a Leopoldo, e estendendo a mão, continuou: - Chegou há pouco esta carta para si. Aqui tem!...

- O carteiro começa cedo por estas bandas! – Disse Isa admirada.

- Parece que sim!... - Concordou Leopoldo enquanto via a caligrafia da carta.

Com um sorriso de satisfação estampado no rosto disse com voz excitada:

– É de Adélia.

- Ah que bom...está tudo cheio de saudades!...

Leopoldo, mesmo ali à mesa, retirou a carta do envelope. Uma pequena flor seca caiu em ziguezague para o chão. Dobrou-se da cadeira apanhando-a, e leu a carta em silêncio. Sorridente, enquanto o olhar se nutria, movia o rosto gentilmente para a esquerda e para a direita, e ria-se mais acentuadamente em certos momentos da viagem pelas linhas. Isa via o momento de satisfação e perguntou o óbvio.

- Boas notícias, espero?! ...

- Sim, a Adélia tem as passagens confirmadas para Ibiza e viajamos já este Sábado. Até já as pagou. Está tudo tratado, e você Pipi, vai connosco como de costume!

- Mulher de armas aquela... sim, eu sei: ela tinha-me convidado já que a vivenda nos pode acomodar a todos, será pena não aproveitar. Até de férias vai ter de me aturar!...

- Ou será ao contrário? – Retorquiu simpaticamente.

A casa era dotada de um telefone mas Benamont tinha-o fechado a sete chaves. Era como se este não existisse. Muito raramente era utilizado, e bizarramente, encontrava-se inacessível numa caixa, sobre uma coluna de ébano toda torneada. Às vezes tocava, mas sem a presença de Benamont ninguém podia atender, daí que as únicas notícias que tinham, chegavam através de carta.

Findo o pequeno-almoço, Leopoldo e Isa dirigiram-se para o exterior, onde prosseguiram os trabalhos que por norma começavam bem cedo.

- Ontem à noite bateu à minha porta, era alguma coisa importante? - Perguntava Isa enquanto caminhavam.

- Não, não. Tinha ido dar um passeio lá fora e como vi luz por baixo da porta, queria certificar-me de que não estaria lá por fora também.

Não quis dizer nada. Achou melhor não a envolver no caso. Seria demasiado grave contar-lhe fosse o que fosse.

- Se eu estivesse por lá, ter-nos-ia mos encontrado não?
- Pois talvez, mas o lugar é extenso. Não era mesmo nada de importância!
- Espero que se ande a portar bem. – Isa não escondeu um olhar matreiro – Suspeitei de uma certa troca de olhares durante o jantar!...
- Impressão sua, não dei por nada...
- Espero bem que seja. Ontem à noite tive um sonho muito estranho.
- Não diga que também sentiu a “presença da Escrivona”, como diz a Etelvina?!...
- Deixe-se disso! Sério, primeiro pareceu-me ouvir uns gemidos estranhos mesmo antes de me ter chamado, e depois um sonho horrível...

Nem Isa nem Leopoldo estavam cientes do que se passara naquela noite. Algo de muito mais estranho tinha tido lugar e Leopoldo não fazia a mais pequena ideia.

A conclusão dos trabalhos

Leopoldo ao ver um grupo de homens cavaqueando entre si, dirigiu-se-lhes dizendo:

- Então, pessoal!... Patrão fora, dia santo na loja?

Falou esboçando um meio sorriso. Não era homem de reprimendas, e sempre tinha bons modos para com todos.

- Da nossa parte, está tudo terminado chefe!

As árvores estavam finalmente todas plantadas e presentia-se a azáfama da tarefa prestes a estar concluída. Os homens atiravam pás, enxadas, carros de mão, cestos... tudo era arremessado para a furgoneta de caixa aberta. Leopoldo era afinal quem os tinha contratado, e estando a tarefa concluída, não havia razão para que permanecessem ali por mais tempo. Estes varriam a calçada como um último retoque de artista sobre um quadro vivo.

A aventura que tivera a noite anterior trazia-o pensativo. Olhou a capela na distância e sentiu um misto de excitação e curiosidade. Um arrepio percorreu-lhe momentaneamente o dorso ao lembrar o vulto de que tinha quase a certeza ser Benamont, e os diamantes. Tudo parecia um sonho. Inspirou fundo o ar fresco da manhã, e de mãos nos bolsos, caminhou até ao rio sobre o qual já estava em posição a ponte em madeira. Caminhava vagarosamente; os pés iam reclamando os passos descalços de ontem sobre os seixos, que deixaram marcas na pele mimosa. Decidiu ir meter conversa com os mestres carpinteiros.

- Bom dia!..

- Bom dia Sr. Arquitecto!... – Não lhe sabiam o nome: arquitecto servia, sem problemas.

- Agora já vai ser possível atravessar sem molhar os pés, ou correr o risco de tropeçar, se bem que agora até me sabia bem molhar os meus!...

- Pois é Sr. Arquitecto, mas mesmo assim essas pedras vão ficar aí, – Explicou um deles perguntando: – quem é que é capaz de as tirar? Pesam aí uma tonelada cada uma!

- Se não for mais!... – Dizia ainda um outro. - É que elas são lisas na parte de cima, mas depois estão metidas bem fundo pelo chão abaixo. Isso tem muitos anos!...

Leopoldo olhava-os e analisava o que diziam, mas nem por um instante deixou de parte os pensamentos da aventura. De repente com olhar camaleónico, viu um jovem que corria ao longe, ágil mas desajeitadamente por entre as campas do velho cemitério, do lado de lá do rio em direcção ao muro no fundo da propriedade. Ficou intrigado e dali gritou:

- Éh!...

- Não ligue. – Disse um dos mestres. - É o Chiquinho das moitas, um pobre diabo! Já não é a primeira vez que vem aí. Diz que se vem encontrar com a Escrivona. Ninguém lhe liga! – Desataram à gargalhada.

- Chama-lhe Escrivona, chama... - Esclarecia o baixote a quem chamavam Zé Gato. – Cá p’ra mim... ele vem é comer a viúva! Aparece sempre quando ela está por cá nas limpezas da capela. A gente é que finge que não dá por isso, mas ainda não a vimos hoje!...

Leopoldo ouviu a palavra capela, e ficou absorvido de novo meditando sobre o que lá tinha visto. Com a luz do dia, o local parecia totalmente diferente do que presenciara à noite. Menos sinistro. Sobretudo agora, sem os cedros. No calor do dia que se fazia sentir, as sombras eram convidativas. À noite, medonhas.

Junto aos portões da quinta ouviu-se um buzinar, e acabava de chegar um automóvel azul escuro. Um Citroën DS, “boca de sapo” como era mais conhecido. O guarda que Leopoldo sabia agora ser irmão de Benamont pela conversa que secretamente ouviu, e o qual servia sempre de porteiro, não se encontrava.

Os homens da equipa dos jardineiros que plantaram os Jacarandás, já com todas as ferramentas finalmente arrumadas e tudo meticulosamente varrido, despediam-se de Leopoldo.

- Pronto, Sr. Arquitecto. Vamo-nos embora. Sempre que precisar de nós, estamos às ordens. A menina Isa tem o nosso contacto!...

- Obrigado!

- Nós abrimos o portão ao sair, e deixamos entrar o carro. Não se preocupe!

- Está bem, agradeço!

O carro avançou em direcção à casa e parou junto de Leopoldo. Do banco do passageiro o vidro baixou.

- Senhor Leopoldo Albuquerque?

- Sim, sou eu mesmo! – Respondeu surpreendido. Aquela pessoa não lhe parecia estranha. Isa que saía da casa naquele momento apercebia-se da situação.

- Bom dia. Chamo-me Pedro Ventura e com recomendação do Exmo. Sr. Benamont, dado o excelente trabalho aqui executado e o qual tenho o prazer de testemunhar, assim como outras referências, tenho uma proposta para si que penso ser irrecusável.

Isa um pouco recatada ouviu as palavras “*proposta irrecusável*”.

- *Oh não. Sai duma mete-se logo noutra. Pobre Adélia. Eu cá não vou prescindir das minhas férias: nem pensar!...*

- Proposta? – Perguntou Leopoldo.

- Sim, sou da diocese de Braga e temos na nossa paróquia uma Igreja que necessita de restauro. Gostaríamos que o Sr. se encarregasse de planear a área envolvente. A Igreja é cercada por pinheiros e outras árvores e gostaríamos muito que pudesse seleccionar as árvores que devem ficar, redesenhando os arruamentos.

- Não! Peço desculpa mas agora não é conveniente. Tenho férias já marcadas, reservadas e pagas. Viajo já este Sábado!

- Duzentos e cinquenta contos! – Disse o homem. Duzentos contos davam para comprar um apartamento. A quantia era deveras tentadora, mas teria de prescindir das férias e Adélia e a filha não iriam ficar muito agradadas.

Leopoldo olhou à distância para Isa e esboçou um sorriso.

- Não olhe para mim! – Disse esta apercebendo-se.

- Deixe-me pensar! Sexta-feira dou-lhe a resposta, mas tudo vai depender da minha visita e análise do projecto no local, como deve entender.

- Claro, claro! Fica então combinado. Voltarei Sexta-feira para que visite o local, e espero que reconsidere. O automóvel deu a volta e desapareceu passando os portões.

- Pipi!... Ouviu bem a conversa?

- Sim, ouvi mais ou menos. Vai aceitar?

- A quantia é deveras irrecusável... – Reflectiu uns momentos olhando o chão.

- O que será que a Adélia vai pensar? – Isa não escondeu o desagrado e de novo compôs os cabelos atrás da orelha.

- Custa-me muito, mas é muito dinheiro!... Você na Quinta-feira segue para baixo para Lisboa de comboio, e vai de férias descansadinha com a Adélia, e a Sandra. Eu, se a coisa me agradar vou depois noutra altura. Quando regressarem de Ibiza já eu terei terminado esse trabalho em Braga e vou passar uns dias fora com a Adélia e a Sandrinha!

- Acha? Penso que o que há a fazer, pelo que ouvi, nem um mês vai chegar para terminar o trabalho em causa, e por essa altura onde é que vai o Verão?!... Pense bem!...

- É uma oportunidade a não perder, e como é para a Igreja, acho que vem em forma de bênção.
- Sorriu sarcástico.

- Vou até à capela. Acho que já está tudo terminado por lá, quer vir comigo?

- Não, obrigada. Sabe que não sou muito religiosa. Prefiro ir para dentro tratar cá dos meus pertences, e começar a organizar a bagagem. Não sei como arranjei tanta coisa no fim! ...

Leopoldo dirigiu-se então para a capela, atravessando a ponte de madeira pela primeira vez. Os carpinteiros estavam a colocar os gradeamentos laterais de protecção, mas ao passar, dá-se conta do que pareciam ser pingos de sangue meio seco sobre a madeira.

- Alguém já se cortou!...

- É pá, pois é. Isto parece manchas de sangue. – Concluiu o mestre.

- Isto ontem não estava aqui... alguém se cortou e não disse nada, ou algum de vocês está com o período?... Hé hé...

- Da pesca não é!... O rio tem pouca água neste sítio, - Disse o Zé Gato - algum cão que andou por aí aos coelhos e quis estrear a ponte... aqui há muitos!...

- Coelhos ou cães? – O pessoal das obras tem por vezes conversas interessantes e são inquisitivos...

- As duas coisas e outras mais...- Hé hé – Riam-se perdidamente.

- Rsss.

Leopoldo riu-se mas ficou pensativo e continuou a caminhada em direcção à capela. Pôs a mão na maçaneta da porta. Lembrou os momentos e emoções da noite passada. Era como se estivesse vivendo tudo de novo. Girou-a e empurrou. A porta abriu-se sem lamentos. Dentro, os panos negros enormes, continuavam a proteger o mármore colocados ao longo das partes laterais. Ao centro, o chão com todo o brilho, multiplicava a claridade vinda da janela agora fechada. A luz invadia o recinto e projectava os motivos do vitral num arraial de cores.

- *Lindo. Um efeito fantástico. Adélia ia adorar!*

Apercebeu-se entretanto que, um pouco confundidas com o efeito das cores projectadas, havia as marcas de umas pegadas de alguém que andou por ali descalço.

- *São as marcas dos meus pés...ai se o Benamont vê isto!...*

Sacou do bolso o lenço que sempre trazia consigo e agachando-se começou a limpar os vestígios das marcas deixadas pelos seus pés.

- *Parece que saiu tudo...* – De facto conseguiu eliminar as marcas dos pés descalços. Todos os seus movimento ali ecoavam. Caminhou em direcção ao altar e o seu respirar ressonava em eco até ao mais ínfimo som. Lá fora ouvia-se o ruído dos homens que batiam, pregavam, e aparafusavam. Decidiu sair dali.

Com os trabalhos da ponte também prestes a terminar, os carpinteiros faziam os últimos preparativos, limpando e removendo os pequenos restos de madeira. O local parecia outro.

Dirigiu-se a casa para falar com Isa. Tinha os pensamentos em alvoroço. Estava dividido entre o sair dali o quanto antes, e o desvendar tudo até ao fim, mas queria acima de tudo protegê-la. Afinal se algo viesse a acontecer, ela seria a testemunha irrefutável de que ele estivera ali e também conhecia os meandros da propriedade. Se queria desvendar o mistério sem a envolver, teria de fazer com que esta sáísse o mais rapidamente possível.

A casa continuava sem ninguém à vista, mas ao caminhar pelo corredor sombrio, ficou com a estranha sensação de que alguém podia surgir de repente. Era como se estivesse à espera de um susto a qualquer momento. Pôs o coração ao largo.

-“Manias minhas” – Confortou-se.

Parou em frente ao quarto de Isa e olhou a janela ao fundo do longo corredor que dava para a latada por onde tinha descido. Esta estava semi-aberta. Uma folha movida pela brisa espreitava indiscreta. Gritou de fora.

- Pipi!... Já fez as malas?

- Já tenho tudo arrumadinho. Mulher prevenida, sobe na vida!... –Disse num som abafado.

- Excelente! Aconselho-a a aproveitar a boleia dos carpinteiros até Coimbra. Os mestres passam por lá e ainda pode apanhar o comboio das sete.

Isa ficou surpreendida pela repentina e inesperada decisão e abriu a porta do quarto.

- Credo, senhores! Está a querer correr comigo? – Surgiu activa. Desta feita usou as duas mãos para aconchegar os cabelos cenoura rebeldes.

- Nada disso. Mas a casa está deserta, só cá está o pessoal de serviço, presumo eu, e nem sabemos a que hora chega Benamont, e quem é que a vai levar amanhã?

- Posso ir consigo quando vierem buscá-lo para ir a Braga, por causa do novo projecto!...

- Acho melhor ir já hoje. O caminho para Braga é em direcção a norte e não vamos pedir para fazer um desvio até Coimbra que é no sentido oposto. Daria má impressão aos diocesanos.

- Está bem, mas com essa pressa toda até me assusta! ...

- Não seja tola. É apenas uma questão de oportunidade. Aproveite bem as suas férias e diga à Adélia e à Sandrinha que as amo muito. Adorava ir convosco, mas não posso deixar fugir esta proposta. Já viu a quantia que oferecem?

- Se acha melhor assim! ...

- Acho! Só terei de ter mais cuidado para não por papelinhos aqui e ali dando asas à minha desordenação. Terei de ser mais organizado. É isso que admiro em si: ser metódica e organizada.

- Pensava que as duas palavras significavam o mesmo, e trabalhadora e pontual, não?

- Tudo isso, minha cara Pipi!... Se tivesse de enumerar todas as suas qualidades, não parava.

- Simpático mas não precisa exagerar... – Disse gargalhando

- Vou só buscar a minha mala. Ai meu Deus!...

- Eu ajudo-a. Não se esqueça de dizer à Adélia e à Sandrinha que eu as amo muito.

- Acha que é preciso?

- No caso de algo me acontecer, não vou ter oportunidade de lhes dizer pessoalmente!...

- Credo, Leo!... Que quer dizer com isso? Trata-se de algo que eu não saiba, ou que me está a escapar?

- Não vou para Braga? É a terra dos padres e arcebispos, e não sei não... pode dar-me uma dessas fé-agudites e sair de lá ordenado...

- Está a calhar-lhe!... - Ria-se compulsivamente. - Há pouco queixou-se de ser desordenado...

Os mestres carpinteiros estavam prontos para a partida.

- Então a menina Isa vem até Coimbra connosco, é?

- Pelos vistos vou... pensando melhor até é boa ideia, em vez de ter de esperar pelo dia de amanhã. Não estou cá a fazer nada!...

- Agradeço a vossa disponibilidade para levarem Isa, mas cuidadinho nas curvas!...

- Esteja descansado. – Disse o mestre. - O pessoal vai atrás para apanhar ar fresco e refrescar as ideias, e a menina Isa vai à frente na cabine comigo! – Gargalharam.

Isa seguiu para Coimbra aproveitando o transporte dos carpinteiros como planeado. Leopoldo sentiu um grande alívio. O lugar imponente, parecia um deserto. Os homens deixaram ligado o torniquete de rega. A água na sua aspersão, corava ao ser beijada pelo sol escaldante, desenhando as cores do arco-íris.

Leopoldo respirou fundo. Lembrou-se das duas pessoas mais queridas da sua vida: a mulher e a filha.

- *Que lugar mais bonito. É este o mesmo de ontem?...*

Sentiu uma nostalgia e solidão. Não se via viva alma. De mãos nos bolsos, caminhou em direcção ao rio. Olhou a ponte. Tocou-a. Sobre ela, inspirou o odor a madeira nova e parou a meio da travessia, olhando a água que suavemente descia num calmo ciciar. Voltou-se, e daí olhou a casa. Junto à parede do lado esquerdo, paralelamente ao rio sobre a relva, estavam dispostas várias espreguiçadeiras de madeira como que convidando a um repouso.

- *É ali que Miriam se deita depois do Jantar noite dentro...*

Do topo, jorravam os chorões lilases plantados nos vasos gigantes em forma de urnas. Exactamente o que tinha planeado. Sentiu-se realizado ao ver transformado o que era antes apenas rabiscos numa folha de papel, em algo palpável, respirável. Era como o ressuscitar da matéria em mão divina.

- *Obra planeada: projecto concluído.* - Nada pode dar mais satisfação a um arquitecto. Depois da contemplação, encarou de novo a realidade.

- *E agora? Estou por minha conta e risco. Posso fugir daqui a sete pés, mas perco o resto do que me é ainda devido. Além disso não posso, nem tenho como provar nada. Os diamantes não são da minha conta...*

Pensou retirar-se para o seu quarto, e aí esperar por Benamont até à hora de Jantar.

- *Ainda é cedo!...*

Decidiu ir novamente à capela. Entrou. Seguiu directamente até ao fundo e aproximando-se ainda mais do altar, fixou os olhos no sacrário. Tinha bem presente a imagem do cálice com a bolsa recheada de brilhantes. Temeu. Ao aproximar-se um pouco mais, sentiu os pés pegarem-se ao chão. Dissimulado com as cores vivas projectadas, havia o que pareciam ser pingos de sangue sobre o mármore, seguidas de um arrastamento que pareciam pinceladas gigantes.

- *Isto são marcas de sangue, mas quem as teria deixado aqui?*

Seguiu o trilho que dava a um dos painéis de arte sacra, de aspecto antigo devido às cores muito obscuras, com cerca de dois metros de altura por um metro, e os quais adornavam o altar, um de cada lado. Do lado esquerdo São Francisco com a cruz na mão. Do outro, Santo António com o menino. Ficou ali parado, olhando intrigado. De braços cruzados, pensativo, voltou-se. Reparou que apenas um dos panos pretos laterais de protecção se encontrava do lado esquerdo. O outro tinha desaparecido.

- *Que diabo! Estou seguro de que estavam aqui os dois há pouco, há cada coisa...*

Ficou estático. Uns momentos depois ouviu vozes abafadas mas não distantes. Apressou-se precipitadamente em direcção à saída, mas as vozes iam deixando de se ouvir em vez de aumentarem de intensidade.

- *Espera. Os sons vem de dentro, mas de onde?*

Caminhou de novo no sentido inverso. Escutou atentamente. Era confuso. Pareciam vir de várias direcções devido ao eco.

- *Palpita-me que venham de detrás do painel...*

Aproximou-se do painel de S. Francisco. Tocou a tela. Era pintado sobre madeira. Encostou o ouvido.

- *Vem de cima...*

Atentamente olhou para cima do painel. Havia um florão em pedra com perfurações no centro servindo de respirador. Olhou em redor.

- *Há gente por aqui algures, mas onde estarão? Deve haver algum esconderijo. Se me puser em cima da cadeira oratória de Benamont, talvez possa ouvir melhor a conversa...*

Ergueu a cadeira até lá com todo o cuidado para a não arrastar. Subiu. Agora muito perto, podia ouvir as vozes mais claramente.

- *Cala-te, cala-te! Que sorte a minha!... Agora que vamos fazer para não levantar suspeitas? Tinhas de fazer isso?*

- *Esta voz parece ser a de Benamont.*

- Era uma cabra sem vergonha. Sei que foi ela, só não sei onde os escondeu. Via-a todos os dias aí em cima enrolada com o maluquinho. Já devia ter dado cabo dela, mas os cabrões dos tipos das obras estavam sempre aí. Ontem à noite, quando me viu vir à capela desviou caminho e teve o atrevimento de ir lá para casa com ele. Quando me encontraste tinha ela acabado de sair. Meretriz armada em faxineira!...

- E agora quê Maurício? Não te bastou o que fizeste ao marido?...

- *De quem falarão, será de Miriam? Alguma coisa boa não deve ter acontecido.* – A conversa continuava.

- Pode não ter sido ela. Não voltes a pôr de volta a porcaria do pano e vais lá cima tirar o outro e limpar tudo. É por estas e por outras que não te quero ver noutras partes da casa. És uma vergonha. Não te quero ver, nem perto da criadagem até isto estar resolvido!...

- Teve o que merecia!... Eu bem a vi procurar as chaves no esconderijo. Fingia que andava a limpar. Cabra ordinária. Não confessou, mas se não foi ela, já tomei providências para espremer o outro.

- *Esta fala é do irmão, o Guarda, mas tem algum sotaque brasileiro... quem será o outro de que falavam? Decerto referem-se a esse tal Chiquinho das moitas...*

Decidiu não ficar por ali nem mais um segundo. Se o descobrissem a sua vida correria perigo. Levantou a cadeira muito ligeiramente sem fazer ruído, e pô-la no sitio de onde a retirara. Rapidamente saiu.

- *Ainda têm de me pagar trinta contos, mas que se lixem. No entanto se me pirar daqui, além de perder o dinheiro, vou levantar suspeitas e eu não fiz nada: quem não deve não teme! Vou agir como se nada tenha acontecido.*

Estava já próximo da entrada de casa, quando viu chegar um táxi passando pelos portões de ferro escancarados, desde a saída de Isa e dos carpinteiros. Este parou junto à casa. Do banco de trás saía Miriam deslizando em meia rotação, de pernas elegante e delicadamente unidas. Deliciosamente provocadoras. Leopoldo expressou a sua satisfação com um sorriso muito sincero, quase desapropriado, mas dadas as circunstâncias era um alívio para os seus olhos vê-la ali. Aquela discussão entre aqueles dois lá no esconderijo da capela, deixavam-no muito apreensivo, mas não sabia ao certo a quem se referiam. Estava seguro de que falavam em alguém que fazia limpeza, e essa não parecia ser a função de Miriam. Esta era para todos os efeitos, oficialmente, a secretária de Benamont, mas depois de tudo o que presenciara não tinha mais certezas.

- Olá Leopoldo. Isto ficou lindo de morrer!...

- Agradeço e entendo o elogio, mas as palavras certas seriam: está lindo de viver!...

- Há há... não lhe conhecia essa faceta humorística sem perder a compostura!...

- Nem eu. Olhe, saiu-me!

- Vejo-o aqui sozinho, onde está toda a gente?

Entretanto surge apressada uma criada de bata preta, rendas brancas à volta dos punhos, e touca na cabeça também circundada com renda e que atarefada, lhe retira os sacos das mãos.

- Não se mace menina Miriam.

- Ai obrigada, Marta. Estou estafada, para não dizer meia morta.

- É a segunda vez que usa o verbo morrer. Eu não sou supersticioso, mas...

- Desculpe! Este calor infernal “C’est de mourrir. Mon Dieu”

- Pois... a terceira.

- Nunca mais vou às compras em dias assim. Ui!...

Apressou-se para dentro aos risinhos, fugindo do torniquete que nas suas reviravoltas, apontava naquela direcção salpicando-a. Leopoldo seguiu-a.

- Marta, traga-me um copo de água fresquinha por favor!

Bebendo em pequenos golos, sentou-se no cadeirão do hall de entrada que ficava mesmo junto à coluna de ébano que suportava a caixa encerrando o telefone. Este de repente começou a tocar. O